



UM ESTUDO DA AÇÃO PARABÓLICA DO LAVA-PÉS (JOÃO 13)

Claiton André Kunz^{1*}

I. INTRODUÇÃO

No decorrer do seu ministério, Jesus pregou e ensinou através de diversas formas. Dentre estas, uma maneira peculiar de Jesus ensinar era através de parábolas, das quais contou mais de quarenta. Um outro método de ensino utilizado por Jesus, muito próximo ao de parábolas, foi o de ações parabólicas.

Uma ação parabólica, a qual alguns autores chamarão de parábola dramatizada, ação simbólica, ato profético, ou ainda outra nomenclatura, é um gesto ou ação do proclamador que transmite através do mesmo uma mensagem. Esse gesto pode, às vezes, vir acompanhado de uma palavra esclarecedora, mas, muitas vezes, esta nem se faz necessária.

O ato de Jesus lavar os pés dos seus discípulos, relatado apenas pelos evangelista João (13.1-12), pode ser incluído nesse método de ensino de Jesus.

Na presente pesquisa, primeiramente será abordado o texto que relata o lava-pés e, num segundo momento, será abordado o contexto do episódio dentro da trajetória da vida de Jesus, bem como de sua inserção literária no Evangelho de João. Posteriormente será tratado da questão do costume do “lava-pés” e das suas peculiaridades. Esse costume era realizado desde os tempos do Antigo Testamento, tornando-se mais vivo e presente a partir do momento em que Jesus inverte sua ordem natural, lavando Ele os pés dos seus discípulos (Jo 13). Finalmente, será abordada

^{1*} Claiton André Kunz é Mestre em NT pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo e Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia EST (São Leopoldo/RS). É professor e vice-diretor da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí / RS). O autor defendeu sua dissertação de mestrado “Ações Parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações”, que está editada na série Teses e Dissertações do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, da Escola Superior de Teologia, através da Editora Sinodal. A presente pesquisa constitui-se num exemplo de aplicação da análise proposta na referida dissertação de mestrado.

a interpretação da ação parabólica, mostrando como diversos autores compreenderam esse fato e sua relação com outras passagens bíblicas, que podem ser relacionadas teologicamente.

II. O RELATO DO LAVA-PÉS

A ação parabólica a ser estudada, na presente pesquisa, é relatada apenas por um dos evangelistas. Hull lembra que, enquanto nos Sinópticos a cena principal no cenáculo é a instituição da Ceia do Senhor, o evangelista João não a menciona, e relata, em seu lugar, o episódio do lava-pés, não referido nos Sinópticos.² O evangelista João relata o acontecimento da seguinte forma:

1 Um pouco antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que havia chegado o tempo em que deixaria este mundo e iria para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.

2 Estava sendo servido o jantar, e o Diabo já havia induzido Judas Iscariotes, filho de Simão, a trair Jesus.

3 Jesus sabia que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder, e que viera de Deus e estava voltando para Deus;

4 assim, levantou-se da mesa, tirou sua capa e colocou uma toalha em volta da cintura.

5 Depois disso, derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos, enxugando-os com a toalha que estava em sua cintura.

6 Chegou-se a Simão Pedro, que lhe disse: “Senhor, vais lavar os meus pés?”

7 Respondeu Jesus: “Você não compreende agora o que estou lhe fazendo; mais tarde, porém, entenderá”.

8 Disse Pedro: “Não; nunca lavarás os meus pés!”. Jesus respondeu: “Se eu não os lavar, você não terá parte comigo”.

9 Respondeu Simão Pedro: “Então, Senhor, não apenas os meus pés, mas também as minhas mãos e a minha cabeça!”

10 Respondeu Jesus: “Quem já se banhou precisa apenas lavar os pés; todo o seu corpo está limpo. Vocês estão limpos, mas nem todos”.

11 Pois ele sabia quem iria trai-lo, e por isso disse que nem todos estavam limpos.

12 Quando terminou de lavar-lhes os pés, Jesus tornou a vestir sua capa

2 HULL, W. E. *João*. In: Comentário Bíblico BROADMANN, vol. 9, p. 378.

*e voltou ao seu lugar. Então lhes perguntou: “Vocês entendem o que lhes fiz?”*³

Jesus e os discípulos haviam chegado de Betânia. Os pés, cobertos somente pelas sandálias, haviam estado expostos ao pó e à areia. Estavam sujos ou, pelo menos, desconfortáveis. Em tais circunstâncias, costumava-se lavar os pés. O anfitrião, ainda que não fosse ele mesmo que prestasse esse serviço, assegurava que o mesmo seria realizado. Era, antes de tudo, uma tarefa servil, ou seja, uma tarefa que deveria ser realizada por um servo.⁴

No aposento onde aconteceu o episódio, estava tudo preparado. Ali estavam a bacia e a jarra com água, e também as toalhas de linho. Mas ninguém se moveu. Todos esperavam que outro tomasse a iniciativa. Estava entre eles, inclusive, aquele que naquela noite estava decidido a trair o Senhor. Não havia nenhum servo no local. Por consequência, um dos discípulos deveria ter prestado o serviço. Mas ninguém estava disposto. Todos eles eram homens orgulhosos.⁵

Jesus sabia que o Pai havia confiado tudo em suas mãos, que saíra Dele e que estava voltando para Ele. Baseado nisso, Jesus determina o exato momento em que deve realizar suas ações. Levanta-se da ceia, quando esta ainda não havia terminado⁶, e toma o lugar de servo (Jo 13.4). Tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido (João 13.5).⁷

O relato do lava-pés constitui, por assim dizer, o portal da história da paixão e isso é motivo suficiente para não se minimizar a importância teológica do fato. Trata-se de uma narrativa simbólica, na qual aparece condensada uma certa compreensão de Jesus e de sua morte.⁸

Hull esclarece um pouco mais sobre a inserção desse relato no Evangelho de João: “Do mesmo modo como o “livro dos sinais” (capítulos 2 a 12) foi introduzido com uma contundente afirmação teológica (1.50-51), que tratava da chegada do Homem dos céus à terra, o “livro da

3 João 13.1-12 (Nova Versão Internacional).

4 G. HENDRIKSEN, *El Evangelio según San Juan*, p. 498.

5 Ibidem., p. 499.

6 Bruce informa que a tradução “Durante a ceia” (*deipnou ginomenou*) é uma tradução preferível à variante “acabada a ceia” (*deipnou genomenou*, ARC), principalmente porque a continuação (v. 12 e 30) deixa claro que o jantar ainda não havia terminado (F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 239).

7 M. VELOSO, *Comentário do evangelho de João*, p. 273.

8 J. BLANK, *O Evangelho segundo João*, p. 40.

paixão” (capítulos 13 a 20) começa com um prefácio (13.1-13), igualmente exaltado, que lança as bases teológicas sobre as quais ele passaria deste mundo para o Pai..”⁹

É interessante notar que, no relato do episódio, omite-se qualquer menção de cidade e lugar. Jesus rompera definitivamente com Jerusalém e com o templo. O lugar é criado por sua presença. Esta última Páscoa já não se chama de a Páscoa dos Judeus, porque agora é a Páscoa de Jesus, o Cordeiro de Deus que libertará a humanidade do seu pecado.¹⁰

III. O CONTEXTO DO LAVA-PÉS

No estudo do contexto do lava-pés, dar-se-á destaque a dois aspectos. Primeiramente o contexto dos acontecimentos que circundam a ação parabólica do lava-pés, e, posteriormente, o contexto literário do evangelista João, no qual ele relata o episódio.

Jesus está em Jerusalém, no seu último encontro particular com os Doze. Participou de uma semana bastante agitada, após a sua entrada triunfal na cidade. Fez algumas visitas ao templo, ensinando algumas parábolas, pronunciando seu discurso profético, e entrando em algumas discussões com os sacerdotes e fariseus.

O evangelista Lucas relata que, durante a ceia¹¹, surgiu uma discussão entre os discípulos:

14 Quando chegou a hora, Jesus e os seus apóstolos reclinaram-se à mesa.

15 E lhes disse: “Desejei ansiosamente comer esta Páscoa com vocês antes de sofrer...”

24 Surgiu também uma discussão entre eles, acerca de qual deles era considerado o maior.

25 Jesus lhes disse: “Os reis das nações dominam sobre elas; e os que exercem autoridade sobre elas são chamados benfeitores.

26 Mas, vocês não serão assim. Ao contrário, o maior entre vocês deverá ser como o mais jovem, e aquele que governa, como o que serve.

27 Pois quem é maior: o que está à mesa, ou o que serve? Não é o que está à mesa? Mas eu estou entre vocês como quem serve.

28 Vocês são os que têm permanecido ao meu lado durante as minhas

9 W. E. HULL, *João*. In: Comentário Bíblico BROADMANN, vol. 9, p. 379.

10 J. MATEOS; J. BARRETO, *O evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*, p. 559.

11 A. T. ROBERTSON, *Una armonia de los cuatro evangelios*, p. 158.

provações.

29 E eu lhes designo um Reino, assim como meu Pai o designou a mim,
30 para que vocês possam comer e beber à minha mesa no meu Reino e sentar-se em tronos, julgando as doze tribos de Israel.¹²

Deve-se lembrar também que, poucos dias antes, durante a viagem a Jerusalém, Tiago e João (segundo o evangelho de Marcos [10.35-45]) ou a mãe deles (segundo o evangelho de Mateus [20.20-28]), solicitaram que lhes fosse permitido que, na glória, ambos se assentassem um à direita e outro à esquerda do Senhor. Essa solicitação gerou indignação por parte dos outros discípulos (Mt 20.24; Mc 10.41), e, com certeza, grandes discussões entre eles.¹³

Já em relação ao contexto literário de João, algumas coisas precisam ser consideradas. Com o começo do capítulo 13 de João, entra-se numa nova fase do Evangelho. O ministério público de Jesus havia terminado. Os sumos sacerdotes procuravam matar Jesus (Jo 11.35) e, por isso, Ele se retirou para momentos a sós com os seus discípulos.¹⁴ O evangelista João, numa formulação rica em construções, reúne, nesta introdução do capítulo 13, os elementos essenciais de sua visão doutrinal.¹⁵

João inicia localizando temporalmente o acontecimento: *Um pouco antes da festa da Páscoa* (v. 1a). Werner de Boor afirma que as indicações de lugar e horário são um pouco vagas, mas que “*a continuação do relato em Jo 13.30 e 18.1ss nos revela: é a última noite antes do aprisionamento, condenação e crucificação, que Jesus experimenta com seus discípulos. Nesta noite ele realiza com eles “uma ceia”. Considerando que, conforme a contagem israelita, o “dia” começa por volta das dezoito horas, todo o acontecimento da Paixão se condensa num único dia 16, das 18 horas de quinta-feira até as 18 horas de sexta-feira. 24 horas depois dessa noite estava tudo acabado, e aquele que agora está à mesa com seus discípulos, repousa no túmulo.*”¹⁷

Segundo este modo judeu, no qual o dia começa com o pôr-do-sol, a festa pascal começava na tarde de 14 de nisan (março-abril). Portanto, para João, a ceia de despedida teve lugar ao final da tarde de 13 de nisan, na véspera do dia que se celebrava o banquete pascal. Enquanto isso, os

12 Lucas 22.14ss (Nova Versão Internacional).

13 R. THOMAS; S. GUNDRY, *Harmonia dos Evangelhos*, p. 137.

14 C. BEGGS, *Estudos sobre o Evangelho de São João*, p. 43.

15 X. LEON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João*, p. 14.

16 O mesmo autor lembra que o israelita, em vez de “dia e noite”, diz “noite e dia” (Cf. Mc 4.27).

17 W. de BOOR, *Evangelho de João*, vol. II, p. 63.

sinópticos apresentam a ceia de despedida como a ceia pascal mesmo, que normalmente devia ter lugar na tarde de 14 de nisan. Embora muitas soluções já tenham sido propostas a esse problema de cronologia, nenhuma é plenamente satisfatória.¹⁸

O cordeiro pascal era sacrificado nas últimas horas da tarde do dia 14 de nisan. Logo depois, era comido com os pães asmos. Isso ocorria após o pôr-do-sol desse mesmo dia, isto é, durante as primeiras horas do dia 15 de nisan (Ex 12.6-14,29,33,42,51; 13.3-7; Nm 9.1-5; 33.3; Dt 16.1-7). O dia 15 de nisan era o começo da festa dos Pães Asmos e devia ser um sábado cerimonial (Ex 12.8,18,34,39; Lv 23.5-6; Nm 28.16-17; Dt 16.3-4,8). Na última páscoa de Jesus, o sábado cerimonial coincidia com o sábado do sétimo dia da semana. No dia 16 de nisan, segundo dia da festa dos Pães Asmos, apresentava-se no templo a oferta das primícias que consistia num molho, segundo Lv 23.10-14. Nos primeiros tempos, chamava-se festa da Páscoa somente à celebração que se fazia no dia 14 de nisan. Entretanto, nos dias de Cristo, às vezes, denominava-se “Festa da Páscoa” a toda a festividade, incluindo a festa dos Pães Asmos.¹⁹ Portanto, a frase “Um pouco antes da festa da Páscoa” (Jo 13.1) corresponde à véspera do dia 14 de nisan, que caía na sexta-feira. Era quinta-feira à noite de 13 de nisan.²⁰

A segunda declaração contundente que o evangelista João faz é a seguinte: *sabendo Jesus que havia chegado o tempo em que deixaria este mundo e iria para o Pai* (v. 1b). Jesus sabia que “havia chegado a sua hora”.²¹ Dentro de 24 horas, seu corpo iria jazer no sepulcro. Como a vida de Jesus seguia o programa divino, Ele não podia morrer antes de chegar a “sua hora” (Jo 7.30; 8.20; compare Jo 2.4; 7.6; Lc 22.14).²²

O conhecimento de Jesus de que a sua hora havia chegado (v. 1) está repetido com duas variantes significativas: Ele tinha *vindo de Deus*, com a comissão e autoridade do Pai; e o Pai tinha posto todas as coisas nas suas mãos. Assim, Ele foi autorizado a cumprir o propósito soberano de Deus em julgamento e salvação, uma soberania que o mundo e o próprio Diabo não podem destruir, mas somente submeter-se.²³

Boyer concorda, afirmando que “*Jesus não lavou os pés aos discípulos esquecido de quem Ele era. Reconhecia profundamente: 1) A*

18 H.BUSSCHE, *El Evangelio según san Juan*, p. 464-465.

19 O mesmo acontecia ao inverso: no final da Festa dos Pães Asmos incluía-se a Páscoa (Lc 22.7; At 12.3-4).

20 M.VELOSO, *Comentário do Evangelho de João*, p. 270-271.

21 Almeida, Revista e Atualizada

22 O. BOYER, *João: o Evangelho do Filho de Deus*, p. 164.

23 G. R. BEASLEY-MURRAY, *Word biblical commentary: John*, p. 233.

*grandeza da Sua majestade universal: que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas. 2) A sua origem celestial: que havia saído de Deus. 3) O seu destino: ia para Deus”.*²⁴

Para Leon-Dufour, esta “hora” trata, sem dúvida, da morte. Contudo, não abrange somente esse aspecto. Ela foi apresentada como a elevação e a glorificação do Filho do Homem (12.32). Aqui, a “hora” é explicitada como “*passar deste mundo para o Pai*”. Jesus passa deste mundo, ao qual desceu, para o Pai, de quem veio (3.13; 6.33,58). Os pólos dessa trajetória definem o tipo de “passagem”.²⁵

Ainda no verso 1, João afirma que Jesus, *tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim*. Leon-Dufour é da opinião de que a expressão “os seus” pode designar, por um lado, a humanidade em seu conjunto, ou seja, todos os destinatários da Revelação, mas, por outro lado, e em especial, a comunidade dos fiéis. Dizer que Jesus “amou-os até o fim” (*eis telos*), expressa, de fato, o fim da vida de Jesus, mas conota também um aspecto qualitativo (ao extremo, absolutamente).²⁶

É interessante notar, também, o tema essencial do amor. As estatísticas ajudam a destacar isso. Enquanto a simbologia da luz e trevas é mencionada 32 vezes em Jo 1-12, e desaparece em Jo 13-21, e a simbologia da vida, que aparecia 50 vezes, é retomada apenas 5 vezes, o verbo “amar”, raro antes do capítulo 13, é empregado 38 vezes depois dele.²⁷

O verso 2 localiza o episódio do lava-pés dentro do acontecimento maior daquela noite. João relata que “estava sendo servido o jantar”. Algumas traduções²⁸ trazem “e acabada a ceia”. Entretanto, o texto preferível é “enquanto ceavam”, pois se trata de um participio presente em voz média, de ‘*ginomai*’ (*ginomenou*), e não um segundo aoristo em voz média (*genomenou*).²⁹

Para o judeu, partilhar uma ceia não é apenas comer juntos um mesmo alimento; é ter a ocasião de trocar idéias e de entrar profundamente em comunhão de sentimentos. Para Leon-Dufour, “a convivialidade assume um valor social e espiritual”. No relato de João 13, não se trata apenas de uma ceia qualquer, mas de um bocado de alimento oferecido por aquele que a preside: essa marca de hospitalidade (cf. Rt 2.14) sublinha uma relação íntima. Nessa perspectiva de comunhão, a presença de um

24 O. BOYER, *João: o Evangelho do Filho de Deus*, p. 165.

25 LEON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João*, p. 15.

26 Ibidem, p. 16.

27 X.LEON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João*, p. 17.

28 Por exemplo, Almeida – Revista e Corrigida.

29 A. T. ROBERTSON, *Imágenes verbales en el Nuevo Testamento*, vol. V, p. 262.

falso conviva – Judas – se revela intolerável.³⁰

O evangelista João afirma que *Jesus sabia que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder, e que viera de Deus e estava voltando para Deus* (v. 3). Esse verso faz um contraste maravilhoso com o verso anterior. Na perspectiva humana, Jesus agora estava completamente entregue, indefeso, à mercê do traidor e, por meio dele, a seus inimigos e, por último, ao Diabo. Jesus, entretanto, “sabe” que é tudo diferente.³¹

Ele sabia que todas as coisas estavam em suas mãos. Sabia que a hora de sua humilhação estava perto, mas também sabia que se aproximava a hora de sua glória. Sabia que não faltava muito tempo para que se assentasse no mesmo trono de Deus. Esse pensamento e essa perspectiva poderiam tê-lo enchido de orgulho. Entretanto, sabendo qual era o seu poder e sua glória, lavou os pés de seus discípulos.³²

Schlatter afirma que, em João, a morte de Jesus não tira seu poder ou autoridade. Sua morte é consequência da sua soberania. Porque Ele é Senhor sobre todas as coisas, é que Ele morre. É retomada aqui a idéia exposta na parábola do pastor (Jo 10).³³

O verso 3 prepara o leitor para um ato da majestade divina. Jesus, consciente da soberania universal que o Pai lhe conferiu, plenamente ciente da sua origem e destino celestiais, faz algo que deixará no coração dos discípulos um sinal indelével dessa soberania, origem e destino. Por isso, Ele se veste como um empregado da casa e pratica a tarefa de um empregado.³⁴

A respeito da questão da consciência de Jesus, Hendriksen lembra ainda que não é algo que Ele começa a compreender de repente. Ele sabia disso muito antes da festa da Páscoa (Veja-se Jo 2.1ss; 7.6; 12.23; 13.11,18; 18.4). Esse conhecimento lhe dava plena segurança. Ele podia ver, não somente a cruz, mas, também, a coroa. Essa íntima convicção deu a Cristo (inclusive em sua natureza humana) a tranquilidade e a estabilidade mental, que o possibilitou a agir como agiu. Apesar de saber o que lhe esperava no Getsêmani e no Gólgota, pôde agir de forma amorosa com seus discípulos, inclusive com o seu próprio traidor.³⁵

Esse era justamente o outro aspecto da consciência de Jesus. Ele sabia muito bem que seria traído em poucos momentos. Saber algo assim

30 LEON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 17.

31 W.de BOOR, *Evangelho de João*, vol. II, p. 65.

32 W.BARCLAY, *Johannes Evangelium*, vol. II, p. 192.

33 A. SCHLATTER, *Der Evangelist Johannes: wie er spricht, denkt und glaubt*, p. 280.

34 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 240.

35 G.HENDRIKSEN, *El Evangelio según San Juan*, p. 490.

poderia tê-lo feito sumir em amargura, ressentimento e ódio em relação aos homens. Mas, ao contrário, encheu-se ainda mais de amor em seu coração. Em troca da traição, Jesus usou do maior amor e da mais profunda humildade.³⁶

IV. O COSTUME DO LAVA-PÉS

A limpeza era uma das coisas mais importantes para os religiosos judeus, nos tempos bíblicos. Era importante não só para a saúde, mas também porque ninguém que estivesse ritualmente impuro poderia aproximar-se de Deus. A necessidade de evitar essa impureza gerou numerosos regulamentos, que pretendiam evitar que as pessoas violassem qualquer uma das ordens de Deus nas leis de Moisés. Comer com as mãos sujas tornava imundo o alimento, e assim, quem o comia ficava imundo. Essa pessoa deveria então mergulhar numa banheira para ficar novamente limpa. O mesmo se exigia do homem que ia ao mercado e tocava alguém que não fosse judeu. Ao voltar para casa, teria de banhar-se para novamente ficar limpo.³⁷

Gower informa que, independente dessas questões rituais, em alguma hora do dia, as pessoas precisavam tomar banho. A casa pequena comum dificilmente tinha facilidades para o banho; só as casas ricas eram providas de um aposento com uma banheira. O mais usado era um recipiente raso de cerâmica com um sulco no meio para os pés. O banho completo era tomado numa fonte ou no rio.³⁸

Em países poeirentos, onde comumente se andava de sandálias³⁹, era sinal de hospitalidade lavar os pés daquele que alguém acolhia em sua tenda ou em sua casa (Gn 18.4; 19.2; 24.32; etc.). Essa prática é percebida na censura que Jesus faz ao fariseu Simão, por este não lhe ter prestado essa honra (Lc 7.44).⁴⁰

Champlin concorda, afirmando que *“No Oriente, essa cerimônia, desde os tempos mais remotos, tinha lugar entre os deveres próprios da hospitalidade, e era reputada como sinal de respeito pelos hóspedes, como característica de atenção humilde e afetuosa por parte do hospedeiro. O*

36 W.BARCLAY, *Johannes Evangelium*, vol. II, p. 193.

37 A.MILLARD, *Descobertas dos tempos bíblicos*, p. 182.

38 R. GOWER, *Usos e costumes dos tempos bíblicos*, p. 48.

39 Coleman chega a afirmar que “o uso das sandálias, naturalmente, trouxe consigo a prática do lava-pés” (W.COLEMAN, *Manual dos tempos e costumes bíblicos*, p.65).

40 E.DISERENS, *Lavar*. In: J.-J. AALMEN, *Vocabulário bíblico*, p. 303.

costume teve origem nas circunstâncias das localidades orientais, onde as estradas eram poeirentas e o clima era opressivamente quente. [...] Nos países do oriente, por motivo do tipo de calçados usados, os pés geralmente eram muito menos protegidos da sujeira e de outros elementos deletérios do que o tipo de calçados usados nos modernos países ocidentais. – O calçado comum no Oriente era a sandália”.⁴¹

Gower afirma que, após a chegada do hóspede para uma refeição, este era cumprimentado, um escravo removia suas sandálias em preparação para o lava-pés e para que as sandálias não trouxessem o pó apanhado ao longo do caminho para dentro da casa. Os pés eram então lavados por um servo, que derramava água sobre eles, esfregava-os com as mãos e secava com uma toalha. Esse ritual é subentendido em diversos textos da Bíblia, como por exemplo: Gênesis 18.4; 19.2; 24.32; 1 Samuel 25.41; João 13.3-5; 1 Timóteo 5.10.⁴²

Dentro do Novo Testamento, parece que o rito do lava-pés era comumente realizado antes da refeição, sendo esta também a prática geral em todo o Oriente. Para a lavagem dos pés dos convidados, os escravos costumavam tirar a sua veste mais externa para, em seguida, cingirem-se com uma toalha na cintura, a fim de tê-la à mão, chegando o momento de enxugar os pés dos convidados, à proporção que os iam lavando. O autor do evangelho de João mostra como Jesus tomou o lugar de um mero escravo, cumprindo o processo pormenorizadamente (Jo 13.3-5).⁴³

Champlin informa ainda que o serviço de lava-pés, comumente, era efetuado pelos escravos. Na ausência de escravos, entretanto, essa ação mui naturalmente cabia ao membro mais humilde do grupo festivo e, certamente, não ao de maior honra. Em determinadas ocasiões, o ritual poderia também ser realizado pelos filhos ou pelas filhas menores da casa. Certamente, jamais esse serviço de lavar os pés era realizado pelo anfitrião.⁴⁴

Roland de Vaux, ao falar sobre o escravo, menciona que o serviço de lavar os pés é serviço próprio de escravos. Entretanto, ao escravo de origem israelita não deveriam ser impostos trabalhos muito duros ou muito humilhantes, como, por exemplo, descalçar seu senhor ou *lavar-lhe os pés*

41 R. N. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. III, p. 738.

42 R. GOWER, *Usos e costumes dos tempos bíblicos*, p. 245.

43 R. N. CHAMPLIN, *Op. cit.*, vol. III, p. 737. Gower lembra que o lavar as mãos antes de uma refeição havia se tornado num ritual, na época do Novo testamento. Jesus teria reagido contra a simples ritualização da prática (Mc 7.1-8). Por isso ele lava os pés e não as mãos dos discípulos na última ceia (R.GOWER, *Op. cit.*, p. 54).

44 R. N. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. III, p. 737-738.

(cf. 1Sm 25.41).⁴⁵ Pode-se perceber, assim, o quanto essa obrigação era humilhante e depreciativa.

Sobre o significado da ação de lavar os pés, William Coleman argumenta “*Abraão ofereceu a prestação do serviço a Deus, quando este apareceu em sua tenda (Gn 18.4). E esse ato parece ter um duplo sentido em toda a Bíblia. Em primeiro lugar, lavam-se os pés de uma pessoa que chegava à casa de outrem como sinal de hospitalidade e um gesto de cortesia, já que era a melhor coisa que se poderia fazer a uma pessoa que estivesse com os pés sujos e doloridos. Mas, em alguns casos, o ato de lavar os pés não teve nada que ver com cuidados físicos; era mais um gesto de respeito e reverência*”.⁴⁶

Coleman complementa, afirmando que, no caso da mulher que ungiu os pés de Jesus (Lc 7.38), seu objetivo principal era prestar uma homenagem ao Senhor. Também menciona que, quando Abigail se dispõe a fazer o mesmo por Davi (1Sm 25.41), talvez seu gesto tenha visado ambas as finalidades. O mesmo se daria com as viúvas da igreja primitiva que lavavam os pés aos santos (1Tm 5.10).⁴⁷

Champlin informa que, na literatura rabínica, encontra-se o fato de que era considerado um sinal de reverência um discípulo lavar os pés de seu mestre. Mas jamais seria admitido que um mestre lavasse os pés aos seus próprios discípulos. Certamente a nenhum rabino teria ocorrido tomar tal posição. No Antigo Testamento, bem como no Novo Testamento, especialmente com a ação de Jesus, pode-se observar que, além de servir de sinal de hospitalidade e de atenção afetuosa, o lava-pés também servia como sinal de humildade.⁴⁸

V. O SIGNIFICADO DO LAVA-PÉS

Após a introdução e contextualização dos primeiros três versos, João relata o lava-pés. O evangelista o faz com um detalhamento e precisão, ausente em qualquer outro relato do seu Evangelho. É como se visasse destacar, com isso, a conotação extraordinária e admirável da ação.⁴⁹ Ele

45 R. VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 112.

46 W. COLEMAN, *Manual dos tempos e costumes bíblicos*, p.65.

47 W. COLEMAN, *Manual dos tempos e costumes bíblicos*, p.66.

48 R. N. CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. III, p. 737-738.

49 W.de BOOR, *Evangelho de João*, vol. II, p. 65. Bonnet e Schroeder concordam: “Com que emoção João descreve até os menores detalhes! A cena se torna viva e completamente atual com os verbos no *presente*” (L.BONNET,; A. SHROEDER, *Comentário del Nuevo Testamento: Juan Y Hechos*, p. 263-264).

relata “Assim, levantou-se da mesa, tirou sua capa e colocou uma toalha em volta da cintura. 5Depois disso, derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos, enxugando-os com a toalha que estava em sua cintu”.⁵⁰

Jesus começou a atuar. Com calma e majestade se levantou e tirou suas vestes. Deve-se notar que o evangelista utilizou o plural “vestiduras” (*imatia*), tanto aqui como no verso 12. Algumas vezes, utiliza o singular (Jo 19.2; 19.5) e outras o plural (Jo 19.23,24). Parece que o evangelista distingue cuidadosamente. Em consequência, se em 13.2,5 há o mesmo sentido que em 19.23,24, o que parece provável, descreve-se aqui a Jesus como se fora um escravo oriental, vestido somente com o que estava cingido. Havia tirado tanto o manto, quanto a túnica.⁵⁰

Cingi-se então com uma toalha, derrama água na bacia e começa a lavar os pés dos discípulos. Hovey alista algumas perguntas interessantes sobre essa cena “*Com que sentimentos os discípulos observavam isto? Por que não se colocaram de pé no momento para tomar o lugar do Senhor no serviço que se preparava para fazer? Havia em seu semblante um propósito ou autoridade santos que os impedia, incapacitando-os de fazer outra coisa, senão admirar-se e esperar? Ou estariam tão cheios do espírito de rivalidade, que ninguém quis no momento, nem por amor ao seu Senhor, deixar de lado suas pretensões e tomar o lugar de servo? É difícil explicar porque ficaram imóveis, a menos que suponhamos que a reverência ou a ambição os impediu de oferecer-se para desempenhar o serviço humilde que seu mestre ia fazer. É possível que na sua surpresa e confusão, não souberam o que fazer; porém, há motivos para suspeitar que todos e cada um deles estavam indispostos para tomar o lugar mais humilde*”.⁵¹

Quando Jesus se prepara como um servo, enche a bacia com água e lava os pés de seus discípulos. Ele, que está sobre todas as coisas, que tem sua origem e seu destino em Deus, porta-se como um servo diante dos seus discípulos e lava o pó e a sujeira dos pés destes.⁵²

Quando Jesus terminou de lavar os pés de todos os discípulos, voltou à mesa e lhes explicou o que havia feito (Jo 13.12). Jesus começou perguntando-lhes “*Vocês entendem o que lhes fiz?*”.⁵³ Essa pergunta está

50 G.HENDRIKSEN, *El Evangelio según san Juan*, p. 500. Beasley-Murray concorda que a ação de Jesus remover seu vestuário e amarrar uma toalha ao seu redor sublinha a humilhação da sua ação (G. BEASLEY-MURRAY, *World Biblical Commentary: John*, p. 233).

51 A. HOVEY, *El Evangelio segun Juan*, p. 331.

52 A.SCHLATTER, *Das Evangelium nach Johannes*, p. 210.

53 A pergunta (*ginoskete ti pepoieka humin*; - Compreendeis o significado da minha

relacionada com a frase dirigida a Pedro: “*Você não compreende agora o que estou lhe fazendo*” (13.7). O que Jesus havia feito era um ato da vida diária. A diferença está em que não foi feito por um servo, mas por Cristo. O lava-pés teria em si algum significado? O fato de Cristo o executar, teria algum significado? Qual das duas situações deveriam os discípulos “entender”?⁵⁴

A importância desse lava-pés não estava somente no próprio ato, mas no que simbolizava. Viertel considera o episódio como uma “ação simbólica”.⁵⁵ Vancells afirma que “é um gesto simbólico”.⁵⁶ Tasker o considera como uma “ação parabólica”.⁵⁷ A pergunta decorrente, então, é: “o que essa ação parabólica significa?”.

Dodd afirma que o fato é tratado como uma ação significativa (*semeion*) à maneira joanina. O simbolismo é complexo. De forma contundente, afirma: “O lava-pés, pois, é um ‘sinal’ da encarnação do Filho de Deus, consumada pela sua auto-oblação na morte”.⁵⁸ Bruce concorda, afirmando que “o lava-pés simboliza a auto-humilhação de Jesus em suportar a morte na cruz”.⁵⁹ Erdman explica “*O próprio ato de Jesus lavar os pés aos discípulos deveria ser um retrato da sua humilhação voluntária, que o fez desvestir-se ou esvaziar-se de sua subsistência em forma de Deus, cingir-se das vestes de carne humana, assumir o lugar de servo e baixar até ao ponto de morrer crucificado, para poder limpar o pecado aos que o seguem. [...] A extrema humildade do ato é indicada pelo fato de estar certo Jesus que a autoridade universal lhe pertencia, lembrado ainda de sua origem divina e de seu destino: ‘Sabendo que o Pai tudo lhe confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus e voltava a Deus’*”.⁶⁰

Blank é da opinião de que se deve partir do significado cristológico e soteriológico do acontecimento simbólico do lava-pés. Assim, a existência de Jesus e, sobretudo, sua morte na cruz é compreendida por João como um serviço de amor, sem paralelo, que Jesus presta aos homens. João vê toda a vida e a morte de Jesus sob o prisma de uma existência que serve ao seu semelhante. Nisso há uma coincidência com as palavras do hino a Cristo na carta aos Filipenses (2.5-11), como com as afirmações dos sinóticos sobre

ação?) era uma pergunta esquadrihadora, especialmente para Pedro e para Judas (A. T. ROBERTSON, *Imágenes verbales en el Nuevo Testamento*, p. 266).

54 M. VELOSO, *Comentário do Evangelho de João*, p. 275.

55 W. E. VIERTEL, *O evangelho e as epístolas de João*, p. 96.

56 J. O. VANCELLS, *O testemunho do Evangelho de João*, p. 121.

57 V. G. TASKER, R. *The Gospel According to St. John*, p. 154.

58 C. H. DODD, *A interpretação do quarto evangelho*, p. 517-518.

59 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 243.

60 C. R. ERDMANN, *O evangelho de João*, p. 107.

o serviço de Jesus (Mc 10.45; Mt 20.28; Lc 22.27). É exatamente nisto que se revela o amor total: Jesus se fez servo de todos. O ato simbólico do lava-pés tem o seu sentido dentro da moldura da revelação de Deus por Jesus.⁶¹

A associação com o texto de Filipenses 2 é feita por diversos autores. Bussche afirma que o contraste entre a dignidade e sua humilhação voluntária, que leva Jesus a aceitar o serviço de um escravo, assinala-se aqui tão vigorosamente como em Filipenses 2.6-8. Não há dúvida de que o efeito dramático conseguido com o ato é deliberado.⁶²

Portanto, a descrição viva de João ilustra a afirmação de Filipenses 2.6ss, de que aquele que subsistia “em forma de Deus” assumiu a “forma de servo” – e, com essa atitude, manifestou Deus na terra da maneira mais perfeita possível. No lava-pés, os discípulos, apesar de não o entenderem no momento, viram uma manifestação rara da autoridade e da glória do Verbo encarnado, e uma declaração incomum do caráter do próprio Pai.⁶³

Depois de ter “tirado o manto” (v. 4), como símbolo da forma como entregaria a sua vida, Jesus agora tomou o manto novamente (v. 12), como um símbolo da forma como retomaria sua vida, reassumindo, assim, o seu devido lugar como Mestre e Senhor.⁶⁴

Neste texto de Jo 13, há, também, um paralelo claro com Jo 10.18. Os verbos utilizados para “deixou o manto” (*tithesin ta himatia*) e para “tomou o manto” (*elaben ta himatia*) estão em paralelo com João 10.18: entrego (*tithemi*) minha vida e assim a recupero (*labo*). O paralelismo mostra claramente a existência de linguagem simbólica.⁶⁵

Boyer dá uma extensa explicação, interpretando cada um dos aspectos desse episódio “*Como o Senhor se levantou da mesa no cenáculo, assim se levantara da festa da santa comunhão no céu. Tirar seu manto e deitá-lo a um lado, simbolizava Seu ato de deixar a um lado as vestes da majestade eterna para vestir-se do manto da carne aqui no mundo. Cingiu-se duma toalha: cingira-se para servir incansavelmente os homens. A bacia d’água representa a fonte de Seu sangue. Como se baixou para lavar os pés aos discípulos, assim baixara-se das maiores alturas a esta terra para lavar os pés aos homens. Ele lhes lavou os pés e continua a*

61 J.BLANK, *O evangelho segundo João*, p. 43-44.

62 H. BUSSCHE, *El Evangelio segun san Juan*, p. 471. Werner de Boor também concorda com a associação, afirmando que no episódio do lava-pés torna-se palpável o que Paulo quis dizer em Filipenses 2.6ss (W. de BOOR, *Evangelho de João*, vol. II, p. 66).

63 F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 240-241.

64 E. HULL, W. *João*. In: Comentário Bíblico BROADMANN, vol. 9, p. 380.

65 J.MATEOS; J. BARRETO, *O evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*, p. 557.

lavar os pés aos seus discípulos. O sangue de Jesus Cristo continua a nos purificar de todo o pecado, I João 1.7. Amou-os até o maior grau e amá-los-á até o fim.

Tomou as suas vestes (v.12): *depois de lavar-lhes os pés, vestiu-se para lhes ensinar. Assim, depois de completar a obra da expiação na cruz, vestiu-se de novo das vestes de glória e majestade reais e vive eternamente para interceder por nós. Quando João O viu na glória estava ainda cingido, não de toalha, mas de cinto de ouro (Ap. 1.13)”*.⁶⁶

Não é difícil, portanto, perceber a identificação que há entre estes dois textos (João 13.3-5,12 e Filipenses 2.6-11). Traçando-se um paralelo entre a ação parabólica de Jesus e o texto de Filipenses 2, poderia-se demonstrá-lo da seguinte forma:

João 13

- Sabia que o Pai... (v. 3)
- Levantou-se da mesa (v. 4a)
- Tirou sua capa (v.4b)
- Colocou uma toalha (v. 4c)
- Lavou os pés... (v. 5)
- Vestiu a sua capa (v.12)
- Voltou a seu lugar (v.12)

Filipenses 2

- Embora sendo Deus, (v. 6)
- Não considerou que... (v. 6)
- Esvaziou-se a si mesmo (v. 7)
- Vindo a ser servo (v. 7)
- Humilhou-se a si mesmo (v. 8)
- Deus o exaltou (v. 9)
- Voltou ao seu lugar...

Ao lava-pés, segue-se o ensinamento aos discípulos, que contém uma segunda interpretação do lava-pés (v. 13ss), como também uma série de palavras avulsas encadeadas umas às outras, de modo análogo ao que sucede nos sinóticos com os *logia* de Jesus (v. 16-17, 18-19, 20).⁶⁷ Estas não serão abordadas na presente pesquisa.

VI. CONCLUSÃO

“*Um gesto que fala*”. Assim poderia ser chamado o ato de Jesus de lavar os pés dos seus discípulos. O fato é relatado apenas pelo evangelista João, que não descreve a instituição da ceia, enquanto os sinóticos, que descrevem a ceia, não relatam o lava-pés. João é suficientemente minucioso

66 O. BOYER, *João: o Evangelho do Filho de Deus*, p. 165.

67 J. BLANK, *O evangelho segundo João*, p. 47.

no relato do lava-pés, cuidado ausente em outros fatos, a ponto de denunciar a presença de algum significado simbólico por trás da ação de Jesus.

O fato, ocorrido no último encontro de Jesus a sós com seus discípulos, portanto, nas últimas horas de vida do Mestre, está envolvido numa enorme gama de acontecimentos e sentimentos. Por um lado, os discípulos estavam discutindo entre si sobre o fato de quem seria o maior, chegando a ponto de alguns deles solicitarem a Jesus a possibilidade de se sentarem à direita e à esquerda do trono. Ao mesmo tempo, estava entre eles, inclusive, aquele que logo mais iria trair Jesus.

Do outro lado, estava Jesus. Consciente de que seria traído, abandonado pelos seus discípulos, e negado por Pedro. Entretanto, estava ciente também que o Pai havia entregado todas as coisas nas suas mãos, de que viera de Deus e que estava voltando para Deus (v. 3), e, principalmente, que havia chegado a sua “hora” (v.1).

Por isso, deliberadamente, Jesus começa a atuar. Com certeza, os seus discípulos não compreenderam, naquele momento, tudo o que estava sendo representado. A reação de Pedro demonstra isso. Parece que João, no tempo da redação do seu Evangelho, já o havia compreendido, e, por isso, descreve o fato tão detalhadamente.

O ato de Jesus lavar os pés dos seus discípulos é uma ação parabólica, na qual demonstra sua trajetória de humilhação, pois sabia que *viera de Deus e estava voltando para Deus* (v. 3). O relato dos atos de Jesus, de levantar-se da mesa, tirar suas vestes, cingir-se com uma toalha e tomar uma bacia com água, lavar os pés dos discípulos e enxugá-los com a toalha, e, depois, voltar ao seu lugar, tomando novamente as suas vestes, pode ser claramente identificado com o cântico cristológico de Filipenses 2.

É uma demonstração clara de que Jesus estava com o Pai, na forma de Deus, mas não considerou que isso era algo a que deveria apegar-se. Portanto, esvaziou-se a si mesmo, tomou a forma de servo e humilhou-se ao máximo (a morte de cruz). Deus, entretanto, o exaltou e o recolocou na sua devida posição (Fp 2.5-11).

Com o gesto do lava-pés, Jesus fez muito mais do que mostrar o quanto amava os seus discípulos; fez muito mais do que fazer aquilo que ninguém queria fazer, por julgarem que esse serviço estava abaixo da sua dignidade. Jesus demonstrou, através de uma ação parabólica, que Ele deixou a sua glória e tornou-se servo, humilhando-se, para mostrar o seu amor pelos seus.